



SOCIEDADE

## Seca. “Vamos deixar de ter primavera em Portugal”

14.11.2017 às 8h51



Este outubro foi o mais seco dos últimos 20 anos: choveu 30% do valor normal para a época e os termómetros marcaram 3º Celsius acima do registado no período de referência 1971-2000. O país está em seca extrema ou severa

NUNO BOTELHO

Com as alterações climáticas, Portugal enfrenta um dos dois cenários “mais dramáticos” previstos pelos modelos físico-matemáticos. As estações vão diluir-se, as ondas de calor tendem a prolongar-se e as secas serão mais intensas, resume o geofísico Pedro Matos Soares, em entrevista ao Expresso



CARLA TOMÁS

Secas idênticas ou piores do que a que se vive este ano estão projetadas para Portugal no futuro. Estes cenários não são vistos em nenhuma bola de cristal, mas em modelos físico-matemáticos. O geofísico Pedro Matos Soares, investigador do projeto Cenários de Alterações Climáticas, desenvolvido na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, tem trabalhado nestes cenários. De acordo com as projeções, as ondas de calor podem multiplicar-se por dez ou até durar mais de um mês.



Pedro Matos Soares é investigador principal no Instituto Dom Luiz da Universidade de Lisboa, onde trabalha em modelações matemáticas relacionadas com as alterações climáticas

D.R.

**Estamos a viver uma das piores secas de que os registos deram conta desde os anos 30 do século XX. Porém, com as alterações climáticas os cenários tendem a ser ainda piores no futuro?**

As alterações de precipitação em Portugal tendem a ser muito negativas até final do século XXI. É o que indicam os modelos físico-matemáticos que utilizamos para realizar as projeções, de acordo com os dois cenários traçados pelo Painel Intergovernamental para as Alterações climáticas, o RCP 4.5 e o RCP 8.5. A atual trajetória das concentrações de CO<sub>2</sub> infelizmente tende a enquadrar-se neste segundo cenário, que é o mais dramático e do qual só sairíamos se houvesse a nível global políticas de redução de emissões de gases de efeito de estufa muito mais drásticas do que as que estão em cima da mesa.

**E o que nos diz esse cenário mais dramático para Portugal?**

Diz-nos que se prevê uma redução de precipitação anual entre 20% e 35% em Portugal, sendo que no sul essa redução é a mais elevada. Estes cenários de diminuição de precipitação não são iguais para todas as estações, não são muito significativos no inverno, mas são-no mais na primavera, no outono e no verão. Ou seja, com menos chuva na primavera temos impactos mais significativos na agricultura e na floresta e no conseqüente risco de incêndio. No sul do país, no Algarve, a redução de precipitação pode chegar a 70% no verão.

**Voltando às temperaturas do ar: o IPMA indica que neste outubro os termómetros marcaram em média mais 3º Celsius que o registado no período de referência 1971-2000. O que vem aí?**

Em Portugal, os modelos apontam para um aumento médio que pode chegar a 6°C até final do século no interior do país e a entre 3°C e 4°C nas zonas costeiras. Associado à quebra de precipitação, vamos ter um aumento de evaporação, o que faz diminuir a



disponibilidade de água à superfície e torna a vegetação muito mais seca. Ou seja, vamos ter um aumento da frequência e intensidade das secas e índices de fogos muito mais alarmantes.

#### **E quanto ao vento?**

As previsões indicam que vamos ter menos vento em geral, mas mais vento no verão. E quando há mais vento, há também uma intensificação da evaporação de água e, claro, uma provável mais veloz propagação dos fogos.

#### **Vão desaparecer as estações do ano como as conhecemos? Ou seja, vamos deixar de ter primavera?**

Como a conhecemos, sim. Atualmente, temos entre uma e duas ondas de calor por ano. Mas no futuro, de acordo com o cenário mais drástico, essas ondas de calor tendem a multiplicar-se ou a ser mais prolongadas. As projeções apontam para um aumento anual das ondas de calor entre seis e nove vezes superior, em algumas regiões. E estas durarão mais, ou seja, passamos de ondas de calor que normalmente duram 5 a 6 dias presentemente para no futuro durarem uma média de 22 dias. Por último, 5% das ondas de calor no futuro durarão mais de um mês.



NUNO BOTELHO

#### **E o que está a ser feito para mitigar estes cenários?**

A responsabilidade de Portugal para estes cenários é muito pequena, tendo em conta a dimensão do país, mas Portugal tem tomado algumas medidas para reduzir as emissões, também no contexto da União Europeia. O problema é que as decisões políticas globais não se adequam à severidade das consequências do que já se está a viver e se prevê viver no futuro. De acordo com os modelos físico-matemáticos, as secas, as ondas de calor e os incêndios tendem a ser mais acentuados e frequentes.

#### **E como nos estamos a adaptar a essa realidade?**

Com o conhecimento que temos, é possível dimensionar a nossa ação. Mas em Portugal tem-se feito muito pouco em termos de adaptação. Se pensarmos na política de reflorestação, por exemplo, vemos que os cenários de alterações climáticas não são tidos em conta.

#### **Já há referências a que a nascente do Douro, em Espanha, está a ficar sem água. Há a possibilidade de secarem as nascentes dos principais rios?**

Com perdas de precipitação, aumento das temperaturas e consequente crescimento da evaporação, acrescido do menor nível dos lençóis freáticos, as nascentes dos rios e os sistemas hidrológicos em geral estão sujeitos a forte stress hídrico.